

AULA 12

Desenho em pesquisa qualitativa

Ana Paula Karruz

Metodologia (DCP033)

28 de junho de 2021

FONTE PRINCIPAL:

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: ArtMed, 2009, p. 129-139 (cap. 11 “Como planejar a pesquisa qualitativa: uma visão geral”).

O que é um plano de pesquisa

(planejamento da pesquisa)

“O plano de pesquisa é uma plano para a coleta e a análise de indícios que possibilitarão ao investigador responder quaisquer das questões a que se propôs. O plano de uma investigação afeta quase todos os aspectos da pesquisa, desde os mínimos detalhes da coleta dos dados até a seleção das técnicas de análise de dados.”

(FLICK, 2009, p. 129)

Componentes a considerar na elaboração de um plano de pesquisa

- Objetivos
- Estrutura teórica
- Pergunta(s) de pesquisa
- Ambição de generalização
- Grau de padronização e controle
- Amostragem (seleção do material empírico)
- Recursos disponíveis

Plano deve explicitar esses componentes e propor estratégias de produção e análise de dados compatíveis com essa explicitação

Pode-se usar um estudo qualitativo para atingir distintos objetivos

▪ **Objetivos**

- Estrutura teórica
- Pergunta(s) de pesquisa
- Ambição de generalização
- Grau de padronização e controle
- Amostragem (seleção do material empírico)
- Recursos disponíveis

Exemplos de objetivos de estudos qualitativos:

- Desenvolvimento de teoria
 - e.g., Sugiyama (2011)
- Descrição detalhada ou avaliação da prática atual
 - e.g., Vieira (2008)
- Teste de hipótese
 - e.g., Rêgo e Pinzani (2013)

Desenvolvimento de teoria

Bottom-up Policy Diffusion: National Emulation of a Conditional Cash Transfer Program in Brazil

Natasha Borges Sugiyama*

*University of Wisconsin-Milwaukee; sugiyamn@uwm.edu

Policy diffusion studies often invoke explanations that draw on the directional pressures for emulation, whether top-down, horizontal, or bottom-up. This article develops a theoretical framework that accounts for the multidirectional features of diffusion, including sub-national, cross-national, and international mechanisms, through the illustrative case of Brazil's federal adoption of Bolsa Escola (School Grant Program), a conditional cash transfer program that preceded the internationally acclaimed poverty alleviation program called Bolsa Família (Family Grant Program). Using process tracing, I argue that bottom-up pressures, including professional norms and intergovernmental competition, were key for policy emulation. Cross-national competition had little effect on decision-making. Finally, top-down processes, including norms and financing, reinforced adoption decisions and ensured these programs would endure.

Publius: The Journal of Federalism volume 42 number 1, pp. 25–51

doi:10.1093/publius/pjr019

Advance Access publication July 19, 2011

© The Author 2011. Published by Oxford University Press on behalf of CSF Associates: Publius, Inc.

All rights reserved. For permissions, please email: journals.permissions@oup.com

Desenvolvimento de teoria

Field research in Brazil allowed for interviews of key actors associated with social and education policy decision-making. To capture the directional influences of diffusion, the analysis draws on various sets of actors, including municipal, state, and national-level technocrats and politicians, as well as individuals associated with the international development community. Semi-structured interviews are an important method for capturing actors' motivations for emulation decisions as well as explaining the timing of those decisions. As Taylor (2006) notes, individuals often want to explain their decisions in narrative form and contextualize their thinking in personal terms. Thus, in order to understand the meaning behind individuals' actions, interviews are a necessary component for analyzing emulation decisions. The study also draws extensively on news articles, governmental bulletins, and international development publications to capture the sequence of the federal government's emulation decision. These archival records facilitate process tracing, which can illuminate the timing of decision-making and test competing directional influences of federal CCT enactment.

SUGIYAMA (2011, p. 33)

Descrição detalhada ou avaliação da prática atual

Investigación original / Original research

Qualificação dos serviços farmacêuticos no Brasil: aspectos inconclusos da agenda do Sistema Único de Saúde

Fabiola Sulpino Vieira¹

Rev Panam Salud Publica/Pan Am J Public Health 24(2), 2008

Objetivos. Apontar aspectos inconclusos da agenda do Sistema Único de Saúde (SUS) para a qualificação dos serviços farmacêuticos no Brasil.

Métodos. Os dados foram coletados a partir dos relatórios de fiscalização de municípios elaborados pela Controladoria Geral da União (CGU). Utilizaram-se os relatórios completos de fiscalizações realizadas entre agosto de 2004 e julho de 2006, disponíveis na Internet. Todos os relatórios publicados foram analisados. Os problemas identificados foram organizados em 15 categorias.

Resultados. Foram realizadas 660 fiscalizações e analisados 659 relatórios (um não estava disponível). Em 62 municípios, os recursos da assistência farmacêutica não foram auditados, o que resultou em uma amostra final de 597 municípios (10,7% dos municípios brasileiros). Desses, 90,3% apresentaram problemas na gestão de recursos ou serviços. Em 71% dos municípios foi constatada a falta de controle de estoque ou sua deficiência e em 39% condições inadequadas de armazenamento. Verificou-se falta de medicamentos em 24% dos municípios.

Conclusões. Os propósitos da Política Nacional de Medicamentos e da Política Nacional de Assistência Farmacêutica estão distantes da concretização. O tema deve ser novamente incluído na agenda dos governos nas três esferas, pois não é possível falar em efetividade da atenção à saúde sem que a assistência farmacêutica cumpra o seu papel com qualidade.

A autora aplicou análise estruturada de texto aos relatórios da CGU.

Teste de hipótese

LIBERDADE, DINHEIRO E AUTONOMIA: O CASO DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA

Walquíria Domingues Leão Rêgo
Alessandro Pinzani

PROGRAMA
**BOLSA
FAMÍLIA**
uma década
de inclusão
e cidadania



Resumindo, podemos afirmar que, em geral, todas as mulheres registraram mudanças relevantes em sua vida material, embora um número importante entre elas se queixasse do valor baixo do auxílio (muitas o definiram como “uma ajuda”) e quase todas afirmassem preferir um trabalho regular. Nesse sentido, cabe salientar, contra uma opinião preconceituosa bastante difundida, que, entre as 150 entrevistadas, somente duas afirmaram ter deixado de trabalhar para viver do Bolsa Família. Ambas trabalhavam como empregadas domésticas para famílias de classe média recebendo um “salário” de R\$ 150,00 a R\$ 200,00 (para trabalhar, respectivamente, seis dias e meio e seis dias por semana). Rêgo e Pinzani (2013, p. 361-262)

3 A HIPÓTESE DE PARTIDA: DINHEIRO COMO FONTE DE AUTONOMIA

Nossa hipótese fundamental repousava na ideia de que a renda monetária, recebida através do Bolsa Família, pode criar e ampliar espaços pessoais de liberdade dos sujeitos, trazendo-lhes, conseqüentemente, mais possibilidades de autonomização da vida em geral.

A partir destas hipóteses, fomos investigando se, e em que medida, o PBF cria condições materiais que permitem aos beneficiários alcançar mais autonomia – não somente em sentido econômico. Naturalmente, estamos falando de uma melhoria de condições favoráveis para o aumento da autonomia, pois não há automatismos neste sentido (até indivíduos que vivem na riqueza podem possuir um grau muito baixo de autonomia moral ou política, apesar de terem autonomia econômica).

Pergunta de pesquisa clara e explicitamente formulada é crítica para focar o estudo



A pergunta de pesquisa:

- Objetivos
 - Estrutura teórica
 - **Pergunta(s) de pesquisa**
 - Ambição de generalização
 - Grau de padronização e controle
 - Amostragem (seleção do material empírico)
 - Recursos disponíveis
- É também denominada “questão” de pesquisa
 - Pode ser única ou múltipla
 - Deve ser clara e explicitamente formulada
 - Pode vir da teoria ou da observação (mas sempre precisa de uma justificativa acadêmica)
 - Poderá ser refinada e reformulada no decorrer de um projeto (com plano aberto)
 - É crítica para definir quais tipos de dados são relevantes

A pesquisa qualitativa também ambiciona generalização, mas não a numérica (ou estatística)

- Objetivos
- Estrutura teórica
- Pergunta(s) de pesquisa
- **Ambição de generalização**
- Grau de padronização e controle
- Amostragem (seleção do material empírico)
- Recursos disponíveis

Generalização em pesquisa qualitativa:

- Pode ou não ser central para a pesquisa; de toda forma, trata-se de generalização teórica (e não numérica)
- Análise detalhada de um caso em suas múltiplas facetas vs. comparação de casos distintos: diferentes potenciais de generalização
- Devem ser definidas as principais dimensões de comparação; ao se considerar mais dimensões, são necessários mais casos

“Aqui o número de indivíduos ou situações estudadas é menos decisivo do que as diferenças entre os casos (variação máxima) ou o alcance teórico das interpretações de caso. Para ampliar a generalização teórica, a aplicação de diversos métodos (triangulação) para a investigação de um pequeno número de casos é, muitas vezes, mais informativa do que o uso de um método para o maior número possível e casos. (FLICK, 2009, p. 131)

Amostragem teórica; saturação teórica

Para reflexão: qual o sentido de “desenvolvimento de teoria” aqui?

“A **amostragem teórica** é o processo de coleta de dados para a geração de teoria pelo qual o analista **coleta, codifica e analisa conjuntamente seus dados e decide que dados coletar a seguir** e onde encontra-los, a fim de desenvolver sua teoria quando essa surgir. Esse processo de coleta de dados é **controlado pela teoria em formação.**” (GLASER; STRAUSS, 1967, p. 45 apud FLICK, 2009, p. 120)

“A **questão principal para a seleção de dados** é: ‘Que grupos ou subgrupos tornam-se os próximos da coleta de dados? E com *que* propósito teórico? As possibilidade de comparações múltiplas são infinitas e, portanto, os **grupos devem ser escolhidos de acordo com critérios teóricos**’ ([GLASER; STRAUSS,] 1967, p. 47).” (FLICK, 2009, p. 120)

“Exemplos desses critérios [para uma limitação bem fundamentada da amostra] consistem em avaliar-se **em que medida o caso seguinte será promissor e que relevância este poderá ter ao desenvolvimento da teoria.**” (FLICK, 2009, p. 120)

“O critério para avaliação sobre **quando interromper a amostragem** de diferentes grupos pertinentes a uma categoria é a **saturação teórica** da categoria. A saturação significa que não estão sendo encontrados dados adicionais por meio dos quais o sociólogo possa desenvolver as propriedades da categoria ([GLASER; STRAUSS,] 1967, p. 61). A amostragem e a integração de outros materiais são concluídas quando a ‘saturação teórica’ de uma categoria ou grupo de casos tenha sido atingida (ou seja, **quando não surgir mais nada novo.**)” (FLICK, 2009, p. 121)

Desenhos comparativos exigem maior padronização (da produção de dado) e controle (do contexto)

- Objetivos
- Estrutura teórica
- Pergunta(s) de pesquisa
- Ambição de generalização
- **Grau de padronização e controle**
- Amostragem (seleção do material empírico)
- Recursos disponíveis

Sobre controle de contexto e dimensões de comparação, vide exemplos em Flick (2009, p. 137; 119).

Reflexão sobre abertura/ flexibilidade vs. padronização/ controle:

“Ainda que, muitas vezes, a pesquisa qualitativa se veja fortemente vinculada ao princípio da abertura, penso que seja razoável [essa reflexão] pelo fato de muitas questões e projetos levarem em conta o grau de controle que seja necessário. Até que ponto deve existir constância em condições contextuais nas quais as diferenças comparativas entre dois grupos sejam manifestas [...]? Que grau de controle ou comparabilidade deve ser oferecido nas condições em que várias entrevistas são realizadas?” (FLICK, 2009, p. 132)

Estudo de caso:

Conceitos de saúde de mulheres em Portugal e na Alemanha

Nesse projeto, nosso interesse consistia em saber se a representação de saúde e de doença é um fenômeno cultural ou não. Para responder a essa pergunta, tentamos demonstrar as diferenças culturais nas visões de saúde entre mulheres portuguesas e alemãs. Seleccionamos, então, parceiras de entrevista de ambas as culturas. Para podermos traçar essas diferenças nos conceitos de saúde das entrevistadas, mantivemos as demais condições do caso na forma mais constante possível. Por isso, as mulheres que incluímos no estudo precisavam viver, em tantos aspectos quanto fossem possíveis (vida de cidade grande, profissões, rendimento e educação), em condições pelo menos muito semelhantes, no sentido de possibilitar a relação das diferenças à dimensão comparativa da “cultura” (ver Flick, 2000b). O estudo foi planejado como um estudo exploratório para que pudéssemos limitar o núme-

(continua)

FLICK (2009, p. 137)

Estudo de caso:

Amostragem com grupos sociais definidos antecipadamente

Em meu estudo sobre a representação social da mudança tecnológica na vida cotidiana, foram adotados três pontos de partida. Um deles é o fato de que as percepções e as avaliações da mudança tecnológica no cotidiano dependem da profissão do entrevistado. O segundo é que dependem igualmente do gênero; e, em terceiro lugar, o fato de serem influenciadas pelo contexto cultural e político. Com a finalidade de levar em conta esses três fatores, foram definidas diversas dimensões da amostra. As profissões de engenheiros de informação (como desenvolvedores de tecnologia), de cientistas sociais (como usuários profissionais de tecnologia) e de professores da área das ciências humanas (como usuários diários de tecnologia) deveriam ser representadas na amostra por meio de casos que apresentassem um determinado limite mínimo de experiência profissional. Pessoas do sexo masculino e feminino deviam ser integradas. Os diferentes contextos culturais foram considerados por meio da seleção de casos oriundos dos contextos da Alemanha Ocidental, da Alemanha Oriental e da França. Isso levou a uma estrutura de amostras de nove campos (Tabela 11.2) que foram preenchidos, da forma mais uniforme possível, com casos que representassem cada grupo. O número de casos por campo variava em função dos recursos (quantas entrevistas puderam ser realizadas, transcritas e interpretadas no período disponível?) e das metas do estudo (o que representam os casos individuais ou o que significa a totalidade dos casos?).

Este exemplo demonstra como é possível trabalhar, na pesquisa qualitativa, com grupos comparativos que tenham sido definidos antecipadamente e não durante o processo da pesquisa ou de amostragem.

leta completa, será menos provável a exclusão das entrevistas já realizadas naquela coleta de dados, e a análise tem por objetivo a conservação e a integração de to-

dos os casos disponíveis na amostra. Dessa forma, embora a amostragem *de* materiais seja menos relevante, as questões sobre a amostragem *no* material (que partes

TABELA 11.2

Exemplo de uma estrutura de amostragem com dimensões fornecidas antecipadamente

PROFISSÃO	CONTEXTO E GÊNERO							Total
	Alemanha Ocidental		Alemanha Oriental		França			
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens		
Engenheiros de Informação								
Cientistas Sociais								
Professores								
Total								

FLICK (2009, p. 119)

Entrevistas podem assumir diversos formatos

Tipo de entrevista	Descrição	Considere o grau de padronização possível em diferentes formatos de entrevista
Aberta	<ul style="list-style-type: none">▪ O entrevistador introduz o tema e o entrevistado tem liberdade para discorrer sobre o tema sugerido. Atende principalmente a finalidades exploratórias.	
Semi-estruturada	<ul style="list-style-type: none">▪ O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal.	
Estruturada	<ul style="list-style-type: none">▪ Elaborada mediante questionário onde as perguntas são previamente formuladas e tem-se o cuidado de não fugir a elas.	
Episódica	<ul style="list-style-type: none">▪ Entrevista em profundidade cuja principal função é rastrear experiências vividas por pessoas, grupos ou organizações. Solicita uma série de narrativas. Muitas vezes, chegam ao entrevistador pensamentos reprimidos em forma de confidências.	
Projetiva	<ul style="list-style-type: none">▪ Utiliza recursos visuais onde o entrevistador pode mostrar: cartões, fotos, filmes, etc. ao entrevistado. Usada para evitar respostas diretas (fechadas, curtas demais) e aprofundar informações.	

FONTE: BONI, Valdete, QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. “Em Teses – Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC”, vol. 2, nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

Plano de pesquisa deve conter uma estimativa dos recursos necessários

- Objetivos
- Estrutura teórica
- Pergunta(s) de pesquisa
- Ambição de generalização
- Grau de padronização e controle
- Amostragem (seleção do material empírico)
- **Recursos disponíveis**

Identificação e estimativa dos recursos necessários

- Plano de pesquisa deve elencar os recursos disponíveis e os necessários: tempo, pessoal, materiais, apoio técnico, competências, experiência etc.
- Os recursos necessários deve ser calculados a partir das atividades propostas: e.g., realização de entrevistas, transcrição, verificação, interpretação.

Decisões básicas de desenho: número de casos e temporalidade

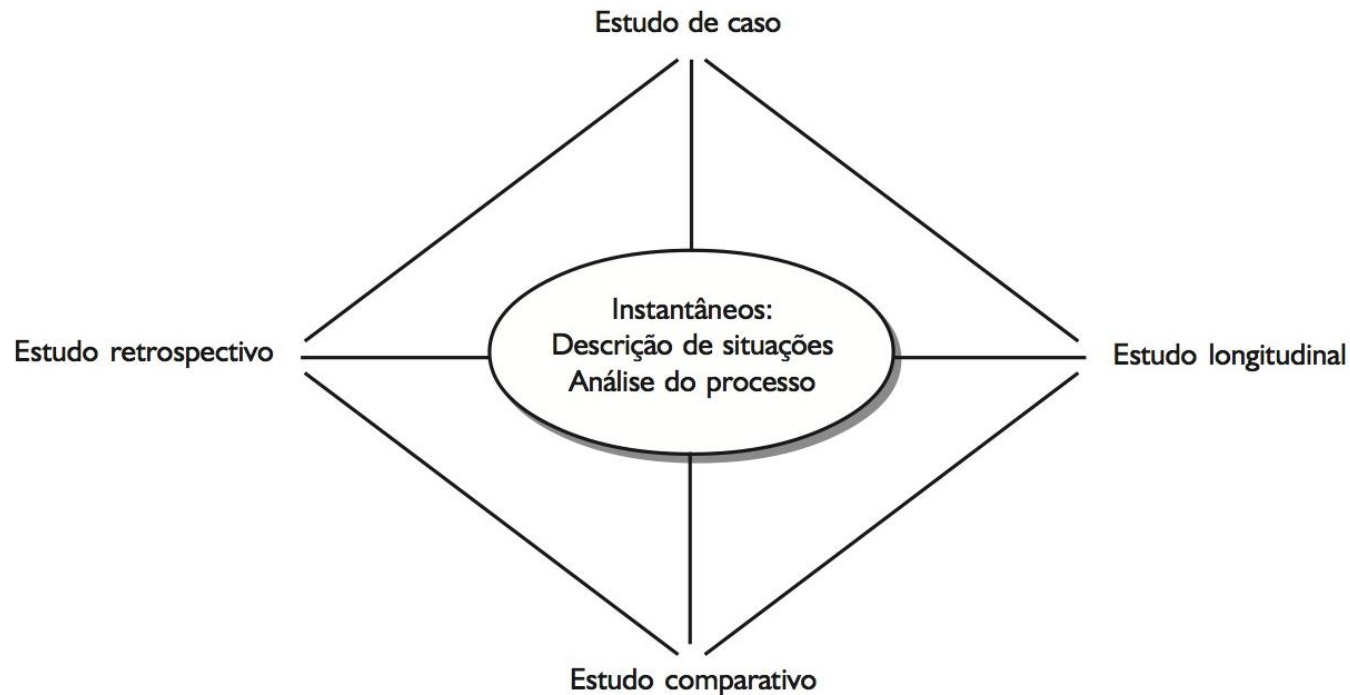
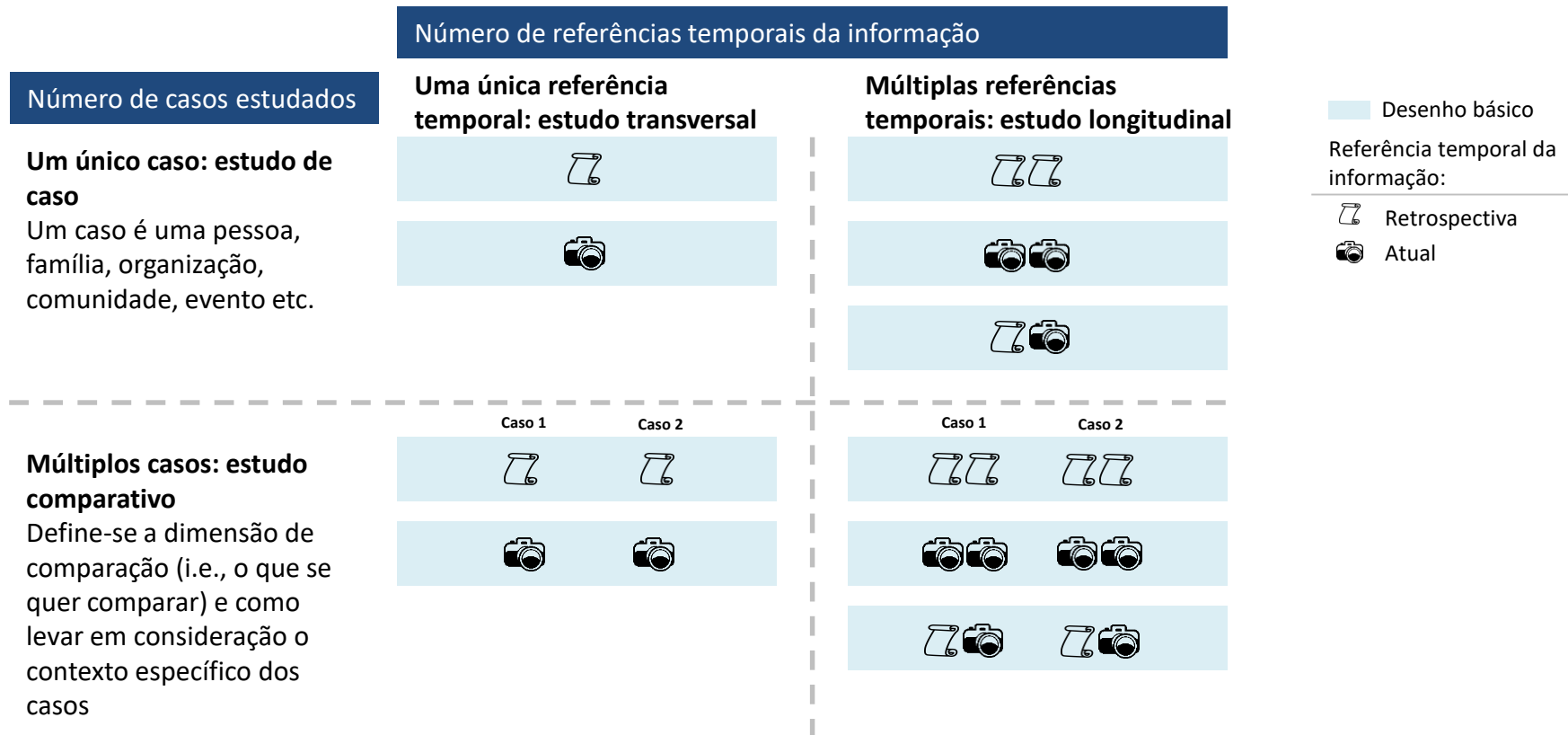


Figura 12.2 Planos básicos na pesquisa qualitativa.


FLICK (2009, p. 119)


Decisões básicas de desenho: número de casos e temporalidade*



Desenho básico

Referência temporal da informação:

 Retrospectiva

 Atual

Aqui, temporalidade diz respeito à referência temporal da informação, não ao momento em que a mesma foi coletada. Por exemplo, podemos coletar informação retrospectiva ou prospectiva hoje, ou podemos retornar várias vezes ao campo coletando uma série de informações atuais. Convém considerar a confiabilidade da informação coletada hoje mas que se refere a momentos passados.

* Adaptação livre de Flick (2009, p. 135-137).

AULA 12

Desenho em pesquisa qualitativa

Ana Paula Karruz

Metodologia (DCP033)

28 de junho de 2021

FONTE PRINCIPAL:

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: ArtMed, 2009, p. 129-139 (cap. 11 “Como planejar a pesquisa qualitativa: uma visão geral”).